

## A Série Sex Education enquanto Recurso de Educação Sexual: Estudo Qualitativo

Carla Jaques<sup>1</sup>, Ana Cristina Rocha <sup>1</sup> & Cidália Duarte <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

**Resumo:** A educação sexual (ES) é um tópico de investigação em crescente interesse, sendo os estudos unânimes quanto aos seus efeitos positivos. A utilização de meios de comunicação pelos adolescentes vem igualmente aumentando e sabe-se que são utilizados para obter informação sobre sexualidade. A série *Sex Education* tem-se destacado neste contexto, tendo sido produzidas várias temporadas. Assim, este estudo pretende analisar as perspetivas de jovens e profissionais sobre o impacto da série *Sex Education* nos mais novos e explorar de que forma pode constituir-se um recurso pedagógico para a ES. Para o efeito, foram realizadas nove entrevistas a jovens e três a profissionais cujos dados foram tratados através da análise de conteúdo. Os resultados mostram que a série apoia o desenvolvimento psicosssexual, promovendo conhecimentos, atitudes e competências; é um ótimo recurso pedagógico na ES com adolescentes, por ser educativa, lúdica e realista, abordando a sexualidade com naturalidade.

**Palavras-chave:** Educação sexual; Sexualidade; Série sex education; Media.

**The Sex Education Series as a Resource for Sexuality Education: A Qualitative Study:** Sexuality education (SE) is a growing research topic. Studies have unanimously shown positive resulting effects off SE. The media use by teenagers is increasing and one of its purposes is to obtain information on sexuality. The series "Sex Education" has gained relevance in this context, having already been renewed for several seasons. Thus, this study aims to analyse teenagers' and professionals' perspectives about the impact of the previously mentioned series on younger people and explore its use as an educational resource for SE. In order to achieve those goals, we conducted nine interviews with teenagers and three with professionals and then analyzed the data through context analysis. The results show that "Sex Education" supports the psychosexual development, promoting knowledge, attitudes and competences. It is a great teaching resource for ES with teenagers, as it's educational, playful and realistic, approaching sexuality in a natural way.

**Keywords:** Sexuality education; Sexuality; Sex education series; Media.

A sexualidade é uma componente multidimensional e central no desenvolvimento humano, desempenhando um papel preponderante no bem-estar dos indivíduos, nomeadamente no seu equilíbrio físico e psicológico (Sánchez, 2005; WHO, 2010; 2015). Segundo a UNESCO (2019, p.17), "a sexualidade pode ser entendida como uma dimensão central do ser humano que inclui: compreensão e relacionamento com o corpo humano, vínculo emocional, amor, sexo, género, identidade de género, orientação sexual, intimidade sexual, prazer e reprodução". Assim, a sexualidade expressa-se e assume funções distintas ao longo do ciclo vital, conforme a fase do desenvolvimento psicosssexual do ser humano (Sánchez, 2005; WHO, 2015).

Segundo a abordagem socio desenvolvimental, o desenvolvimento psicosssexual, embora tenha início nos aspetos biológicos, nomeadamente nos cromossómicos, decorre predominantemente na esfera sociocultural, sendo resultado da interação entre as bases biológicas e os fatores socioculturais (Zapiain, 2013). Entre estes fatores, destaca-se a Educação Sexual (ES) cuja influência no desenvolvimento psicosssexual tem sido amplamente reconhecida. A Organização Mundial da Saúde (WHO, 2015) distinguiu a abordagem holística da ES como a mais adequada para a promoção do desenvolvimento psicosssexual. De acordo com esta abordagem, a ES é conceptualizada como a aprendizagem sobre os aspetos cognitivos, emocionais, sociais, interativos e físicos da sexualidade, e deve ser baseada nos direitos humanos internacionalmente reconhecidos, com especial ênfase no direito ao conhecimento. Independentemente da abordagem, a ES pode decorrer de modo formal, não formal e informal (WHO, 2015).

<sup>1</sup> Morada para correspondência: Entrada 5, Rua Nossa Senhora de Fátima, nº1, São Roque do Faial, Ilha da Madeira, Portugal E-mail: carla.jaques@hotmail.com

A ES informal, enquanto processo de aprendizagem não estruturado e sem intencionalidade, inerente ao processo de socialização, assume um papel particularmente relevante no desenvolvimento psicosssexual. Este impacto resulta, em grande parte, da modelagem exercida pelos agentes de socialização nos diversos contextos de vida (WHO, 2015). A modelagem é o processo pelo qual o ser humano aprende, através da observação e imitação de modelos significativos (e.g., família, pares, *media*) comportamentos, atitudes e normas, entre os quais os relacionados com a sexualidade. O modo como a criança vivencia a infância e como os seus cuidadores abordam a sexualidade nesse período tem influência, nomeadamente, na evolução das atitudes e dos comportamentos sexuais durante a adolescência (UNESCO, 2020; WHO, 2015; Zapiain, 2013). As crenças e valores sexuais de familiares e outros significativos, mas também as interações com conteúdos mediáticos, como os comentários sobre notícias nos jornais, programas televisivos e conteúdos *online*, constituem-se modelos e referências relevantes no processo de socialização. Atualmente, o mundo digital representa um meio de socialização particularmente influente entre os jovens, exercendo um impacto significativo na construção da sua identidade global e, especificamente, da sua identidade psicosssexual enquanto construção subjetiva e dinâmica do “eu” em relação ao outro (Pérez-Torres, 2024).

O desenvolvimento psicosssexual está, portanto, interligado e assume um papel fundamental nas tarefas desenvolvimentais de construção da identidade, individuação e autonomização das figuras parentais (Drury & Bukowski, 2013; Erikson, 1968). Nesta reorganização dos laços afetivos com pais, a comunicação é central não só na relação entre pais e filhos, mas também no desenvolvimento psicosssexual, ao longo da adolescência e etapas seguintes do ciclo de vida. A literatura tem evidenciado o poder de influência da comunicação entre pais e adolescentes no desenvolvimento psicosssexual e no comportamento sexual dos últimos. Quando a comunicação é adequada (e.g., abordagem gradual e contínua, encorajamento do diálogo bidirecional, atitude de abertura e respeito), esta tem estado associada a comportamentos mais responsáveis (e.g., maior uso de contraceptivos, menos comportamentos de risco, atraso no início da atividade sexual) (Dias & Matos, 2013; Flores & Barroso, 2017; Rocha & Duarte, 2011). Contudo, a investigação tem também evidenciado dificuldades de comunicação acerca de temas relacionados com a sexualidade (European Expert Group on Sexuality Education, 2016), nomeadamente por desconforto e receio por parte dos jovens de serem julgados (Grossman et al., 2021), mas também por atitudes negativas e clima de desconforto quanto à sexualidade por parte dos pais e da sociedade (European Expert Group on Sexuality Education, 2016; UNESCO, 2020).

Paralelamente a estas dificuldades de comunicação, observa-se uma crescente utilização dos *media* por parte dos jovens (Prinstein et al., 2020), o que tem contribuído para que estes se constituam um recurso importante de ES informal (Nikkelen et al., 2020). Apesar das evidências sobre a influência negativa da comunicação social nos comportamentos sexuais de risco (e.g., menor probabilidade do uso do preservativo, gravidez não planeada), os *media* têm também sido apresentados como um meio promissor para promover a saúde sexual (Coyne et al., 2019; Jones et al., 2019; Landry et al., 2017; Smith et al., 2016; Vannucci et al., 2020), precisamente por se constituírem uma alternativa para colmatar as dificuldades na comunicação direta sobre sexualidade e combater abordagens predominantemente moralistas e/ou centradas excessivamente numa perspetiva sanitária da ES (Simon & Daneback, 2013).

Neste sentido, os *media* têm sido considerados uma plataforma promissora para a educação para a saúde (Jones et al., 2019), com potencial para ser incluída na ES formal, enquanto processo estruturado, sistemático e intencionalmente integrado em contextos educativos formais. Moran (2007, como citado em Santos et al., 2020) refere que os *media* funcionam como pontes que abrem a sala de aula para o mundo, representando e mediando o conhecimento sobre o mesmo. Neste contexto, tem sido advogada a integração das produções provenientes de plataformas de *streaming*, como as séries, no ambiente escolar. A sua utilização como recurso didático na ES oferece oportunidades de trazer ao debate temas e conteúdos complexos ou difíceis de abordar em sala de aula, através de uma linguagem acessível e mais atrativa para os jovens (Lopes et al., 2019; Silva et al., 2020).

A série *Sex Education* da *Netflix*, que integra conteúdos de ES ao longo da trama de uma comédia romântica passada numa escola sem um projeto formal de ES, tem-se destacado pela ótima receção do público. O seu sucesso justificou a produção de várias temporadas (três à data de recolha dos dados) e suscitou o interesse da comunidade científica. Ainda que em número reduzido, os estudos têm revelado o potencial pedagógico da série em diferentes contextos pela identificação com os problemas retratados pelas personagens e pelo estímulo à formação de atitudes, crenças e competências (e.g., Bréda, 2020; Rodríguez et al., 2020; Santos et al., 2020; Silva et al., 2020).

A investigação tem sido realizada em vários países na Europa (e.g., Bréda, 2020; Rodríguez et al., 2020), mas sobretudo em países de língua portuguesa não europeus, em particular no Brasil, onde é notório o interesse (e.g., Lopes et al., 2019; Rosa et al., 2021; Santos et al., 2020; Santos & Almeida, 2022); pelo contrário, em Portugal, desconhecemos estudos sobre o conteúdo, o impacto ou a utilização pedagógica da

série. A discrepância entre Portugal e o Brasil pode acontecer devido ao clima repressivo quanto à sexualidade, no Brasil, e, por isso, mais desfavorável à implementação da ES, em particular quando comparado com o contexto português, no qual existe uma lei que define a obrigatoriedade e orienta a implementação da ES nas escolas (Lei nº 60/2009; Portaria nº 196-A/2010). Por estes motivos, investigadores brasileiros debruçaram-se sobre as vivências dos jovens na série *Sex Education* como forma de demonstrar a relevância de incluir nas instituições de ensino discussões sobre temas como o corpo, o desejo, o prazer e as relações sexuais (Rosa et al., 2021). Interessará, contudo, compreender o valor ou papel da série num contexto mais favorável à ES.

Assim, a presente investigação tem como objetivos analisar as perspetivas de jovens e profissionais sobre o impacto da série *Sex Education* nos jovens e explorar de que forma este conteúdo multimédia pode constituir-se um recurso pedagógico para a ES. O estudo foca-se no contexto português, onde, por um lado, o quadro político e sociocultural parece ser mais favorável à implementação da ES nas escolas e, por outro lado, os jovens identificam-se pouco com o tipo de recursos e estratégias utilizadas na ES (Matos et al., 2014; Rocha & Duarte, 2015; Rocha et al., 2016).

## MÉTODO

### Participantes

Conforme apresentado na Tabela 1, selecionaram-se nove jovens e três profissionais pelo método de bola de neve, após a divulgação do estudo junto de contactos da equipa de investigação, em instituições-chave (e.g., escolas). Todos os participantes visionaram as três temporadas da série *Sex Education* e pertenciam ao mesmo contexto, a Região Autónoma da Madeira. Os jovens eram, na sua maioria, do sexo feminino, tinham idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos, frequentando quer o ensino secundário, quer o universitário. As profissionais pertenciam à área da educação, enfermagem e psicologia, e todas tinham experiência profissional na implementação da ES. As suas idades variaram entre os 23 e os 54 anos.

**Tabela 1.** Caracterização dos Participantes

Participante	Sexo	Idade	Situação profissional	Área
J1	F	18	Estudante	Licenciatura em Psicologia
J2	F	18	Estudante	12.º ano - Artes Visuais
J3	F	18	Estudante	12.º ano - Artes Visuais
J4	F	17	Estudante	12.º ano - Línguas e Humanidades
J5	M	17	Estudante	11.º ano - Línguas e Humanidades
J6	M	18	Estudante	12.º ano - Línguas e Humanidades
J7	F	18	Estudante	Licenciatura em Psicologia
J8	F	20	Estudante	Licenciatura em Psicologia
J9	F	19	Estudante	Licenciatura em Engenharia Civil
ENFER	F	23	Empregada	Enfermagem
PSIC	F	28	Empregada	Psicologia
PROF	F	58	Empregada	Docência

### Procedimentos de Recolha de Dados

A recolha de dados foi realizada, entre julho e agosto de 2022, através de entrevista semiestruturada, efetuada por videoconferência com recurso à plataforma *Zoom Video Communications Inc. (Zoom)*, dada a familiaridade dos jovens com as novas tecnologias e a maior conveniência para os participantes (e.g., menor tempo de recolha). As entrevistas ocorreram num ambiente privado e silencioso, de forma a garantir o mínimo de distrações e interrupções possíveis.

O guião da entrevista com os jovens estava dividido em cinco partes: 1) expectativas e experiências sobre a série; 2) sexualidade e educação sexual; 3) relações amorosas e de amizade; 4) novos conhecimentos, pesquisas e aprendizagens; e 5) a série como recurso na ES. Já o guião da entrevista com as profissionais, embora se estruturasse em cinco partes também, diferia no terceiro e quarto pontos, que se prendiam com o impacto da série nos jovens e a sua utilização na prática profissional com os mesmos, respetivamente. Ambos os guiões foram previamente avaliados por profissionais da área da ES e sexualidade (e.g., psicólogos e professores com especialização) e testados em entrevistas piloto, não tendo sido necessário proceder a nenhuma alteração.

### Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados foram tratados através da análise de conteúdo, segundo a proposta de Bardin (2011). Na pré-fase, a primeira autora organizou os dados, realizou a transcrição integral da totalidade das entrevistas, incluído alguma da linguagem analógica, e fez uma leitura flutuante. Na exploração do material, os dados brutos foram categorizados tendo por base a sua semelhança, o que deu origem, através do critério semântico, a três categorias principais. A primeira diz respeito às motivações, expectativas e apreciações sobre a série *Sex Education*; a segunda, intitulada impacto da série *Sex Education* nos jovens, inclui as percepções sobre as mudanças desencadeadas pela visualização da série; e a terceira explora a série *Sex Education* como um recurso de ES com jovens, retratando as experiências prévias de recurso à série na ES, as percepções sobre a sua eficiência e as sugestões para a utilização da série como um recurso de ES (formal e informal). Por fim, procedeu ao tratamento, inferência e interpretação dos resultados.

## RESULTADOS

### Expectativas e Apreciações sobre a Série *Sex Education*

**Motivações e expectativas.** Muitos jovens decidiram ver a série *Sex Education* quer por ter sido recomendada e ser famosa, quer pela curiosidade suscitada pelo próprio título (J2: “Foi só pelo nome”), mas também pelas temáticas abordadas (J6: “São tudo temáticas que eu gosto e, portanto, achei prudente vê-la”). Já os motivos que levaram as profissionais a vê-la prenderam-se, maioritariamente, com a recomendação por outrem, a aquisição de conhecimentos e também a curiosidade (ENFER: “Percebemos que tinha muito a ver com o nosso trabalho e que nós íamos aprender muito mais com aquilo”).

Quanto às expectativas, para alguns jovens elas foram correspondidas e para outros até foram superadas (J2: “A série passou as expectativas”). Apenas para uma jovem a série ficou um pouco aquém, já que “pensava que no fim da primeira temporada eles iam ter uma, uma aula sobre o mesmo, *sex education*, mas isso não aconteceu” (J7). Houve também quem não as tivesse criado (J4: “Eu acho que não criei expectativas”). Já a psicóloga referiu que a série correspondeu às suas expectativas, embora não na totalidade, pois esperava que tivessem sido abordados mais temas. Contrariamente, a enfermeira e a professora referiram que ficaram surpreendidas pela positiva, realçando, a primeira, o facto de a série ser educativa e falar “sobre o desenvolvimento da sexualidade nos jovens, [...] desta maneira tão aberta, tão... tão alternativa” (ENFER).

**Apreciações e sugestões.** No que diz respeito às apreciações sobre a *Sex Education*, tanto os jovens, como as profissionais revelaram ter ficado agradados com a série, por esta tratar “de problemas muito reais e tratá-los de uma maneira real” (J9). Em consonância, a psicóloga referiu que “isso é o benefício da série, pegar por coisas que são recorrentes e que são comuns a muitos jovens e tentar transpor”. Na generalidade, os entrevistados referiram não ter críticas a fazer à produção. Porém, alguns jovens mencionaram alguns pontos menos positivos relacionados com o enredo e com a breve abordagem de alguns temas (J1: “Nem sempre explica (...) e não informa assim a cem por cento, eu acho”). As profissionais também identificaram o pouco aprofundamento dos temas como um ponto menos positivo (PSIC: “Às vezes, as coisas eram introduzidas de uma certa forma e deixavam ali *hum* a dúvida, quando podia ser um bocadinho mais esmiuçado”), assinalando a enfermeira que “deixar coisas no ar por responder pode ser perigoso”. A linguagem neutra é outro aspeto que, na opinião da psicóloga, poderia ser melhorado, assim como uma abordagem diferente ao *bullying*, por considerar que a série o retrata de forma positiva. Por fim, esta profissional alerta ainda para a desatualização da série quanto ao termo doenças sexualmente transmissíveis [DST], que deveria ser substituído por infeções sexualmente transmissíveis [IST].

Quanto a novos temas a serem introduzidos numa próxima temporada, os jovens propuseram que a *Sex Education* incluía a transsexualidade, além das perturbações do comportamento alimentar, do *bullying*, da violência doméstica e do consumo de substâncias. Adicionalmente, sugeriram o aprofundamento de tópicos como as IST, a gravidez não planeada, as aparências e o aborto (J2: “Com esta... confusão agora do aborto nos Estados Unidos (...) gostava que introduzissem o tema outra vez”). As profissionais concordaram que a transsexualidade e o consumo de substâncias deveriam ser abordados numa próxima temporada. Sugeriram também conteúdos relacionados com as questões identitárias, como a “expressão de género”, a “identidade de género”, o não binarismo, as dificuldades e o prazer sexual em casais homossexuais lésbicos, as “pessoas intersexo” (PSIC: “Pessoas intersexo nós damos sempre que é o nome de... hermafrodita. Hermafrodita está errado, (...) era importante, por exemplo, esta série dar alguma informação nesse sentido”). Por fim, a enfermeira mencionou ainda que “era interessante ver explorado outras formas de prazer para desmistificar o que é uma relação sexual”.

## Impacto da Série Sex Education nos Jovens

**Mudanças nas atitudes, valores e vivências da sexualidade.** Ao longo das entrevistas, os jovens foram evidenciando mudanças nas atitudes no sentido de uma maior abertura à sexualidade, porque “a série mostrou que a sexualidade não é um tabu” (J1) e validou a abordagem natural à temática, através da identificação com personagens e situações (J1: “Eles estão sempre ali uns com os outros a falar sobre essas coisas e eu também tenho muito isso com os meus amigos”). As profissionais concordaram com o efeito da identificação com as personagens, considerando que a série “é capaz de normalizar as experiências dos jovens, nomeadamente os “medos”, “a insegurança (...) e a mudança” (ENFER). As mudanças na vivência da sexualidade e na sua identidade, pela reflexão sobre si próprio que a série estimula, foram corroboradas pelos jovens (J7: “Fez-me pensar um pedacinho sobre a minha vida do dia, que estava a acontecer à minha volta”; J9: “E eu acabei por eu própria descobrir a minha sexualidade, também falando mais com as pessoas e vendo também, pronto, os casos representados”). A maior abertura às temáticas relacionadas com a sexualidade repercutiu-se numa mudança na atitude de curiosidade sobre esta dimensão, muito potenciada pelo confronto com vivências que eram novidade para os jovens, como, por exemplo, a prática da masturbação e a emoção de vergonha durante o orgasmo (J4: “Estavam a ter relações sexuais e a rapariga não gostava que o rapaz visse a reação dela quando ela se vinha. Isso, para mim, para mim isso nunca, nunca tinha pensado que isso realmente podia acontecer”). Este confronto com novos temas suscitou questionamento em alguns jovens, nomeadamente acerca do realismo de toda a história e do clima da série (J1: “Eu questionei se aquilo realmente acontece tipo, se os adolescentes realmente têm aquela vida todos os dias”; J7, referindo-se ao assédio sexual: “Ela estava ali, claramente aflita, e ninguém fez nada, o que é que se está a passar?!”). Este questionamento desencadeou a pesquisa por parte dos jovens sobre diversos temas (J2: “A série fez com que me interessasse mais sobre estes temas e que pesquisasse sobre eles”). Eles referiram que procuraram informação sobre o vaginismo, a masturbação feminina, as IST, as pessoas não binárias, a homofobia internalizada, a transexualidade, o termo transgénero, o uso dos pronomes e o ato sexual entre parceiros homossexuais. Quanto às fontes a que recorreram para a pesquisa, estas prenderam-se maioritariamente com os media, mais concretamente com a internet, tendo os jovens revelado o seu desconforto em questionar os adultos (J2: “Não era confortável o suficiente para irmos a um médico, um ginecologista”; J3: “Na altura não me sentia confortável o suficiente para realmente ir falar com uma pessoa que soubesse mais sobre o assunto”).

**Mudanças nas competências.** Além das mudanças nos conhecimentos, as profissionais acreditavam que a série promove também o desenvolvimento de competências relacionadas com a comunicação e as estratégias de *coping* (ENFER: “Acho que eles aprendem muito em termos de resolução de problemas, mecanismos para resolver os seus problemas”). Os jovens mencionaram que esta produção também os ajudou nas relações românticas, notadamente ao nível da comunicação, da expressão das suas necessidades e da própria atividade sexual. No que concerne à comunicação sobre sexualidade, alguns jovens reconhecem que a *Sex Education* teve um impacto positivo (J6: “Fez-me ser mais aberto *hum* conseguir comunicar de uma forma mais acessível, dizer aquilo que eu gosto, aquilo que não gosto, aquilo que me sinto preparado, aquilo que não me sinto preparado”). O impacto positivo foi explicado pelo recurso à série como um estímulo de quebra-gelo ou um mote para iniciar a conversa sobre um tópico relacionado com a sexualidade, mas também pela ponderação das consequências que advêm da (não) comunicação das dúvidas e necessidades. Adicionalmente, os jovens referiram que a série demonstra que a sexualidade não é um tabu, o que os ajudou a abordar o tema com naturalidade. Outros jovens consideraram que a série não teve muito impacto no campo da comunicação, porque já falavam abertamente sobre sexualidade, notando, no entanto, que as pessoas em seu redor começaram a abordar mais este tópico. As profissionais partilharam da visão dos jovens. Tal como eles, elas concordaram que a série auxilia a comunicação mais aberta sobre sexualidade por quebrar o tabu associado e por se constituir um mote que estimula a conversa de forma menos embaraçosa e menos reveladora de experiências pessoais (PSIC: “É muito mais fácil nós termos uma conversa de café a falar sobre uma série, não é tão invasivo”; “se eu falar “ai, a Aimee teve um caso de assédio, isto foi assim, assim e assim”, se calhar, tenho mais abertura para alguém me dizer “olha, eu também passei por isso”). Ainda sobre a comunicação, a maioria dos jovens acreditava que a série incentiva a comunicação entre filhos e pais devido ao bom modelo de comunicação existente entre as personagens (J6: “Baseio-me, essencialmente, na relação que o Otis tem com a mãe que é uma relação boa”). Houve alguns jovens que recomendaram a visualização da *Sex Education* aos pais, outros que viram a série com eles, e uma entrevistada que mencionou ter começado a falar com a mãe sobre os temas da sexualidade graças à série. As conversas estabelecidas entre pais e filhos sobre esta produção centraram-se, sobretudo, em temas como a orientação sexual e a identidade de género. Todavia, um outro grupo de jovens não falou com os pais acerca da série, explicando que tem pais conservadores e que estes

iam achar que a *Sex Education* não trata temas adequados às suas idades (J4: “la ser “ah ok, viste essa série, fogo, a sério? Isso nem sequer fala de coisas para a tua idade””). Por fim, acrescentaram ainda que reconhecem que os pais ficam envergonhados ao falar sobre sexualidade e, que, muitas vezes, os filhos decidem não os abordar com medo de julgamento e falta de compreensão. Na perspetiva das profissionais, a *Sex Education* incentiva a comunicação entre jovens e pais sobre sexualidade porque exhibe bons modelos de práticas parentais e reforça os benefícios da comunicação aberta (ENFER: “Temos diversos exemplos de diversas famílias onde a comunicação com (...) os nossos cuidadores... é importante”). No entanto, a psicóloga evidenciou algumas dúvidas, relativamente a “incentivar todos os jovens e [a] todos se identificarem com aquele género de pais”.

**Mudanças nos comportamentos de proteção sexual.** Outro dos impactos da série nos jovens evidenciado nas entrevistas prendeu-se com a adoção de comportamentos de proteção. A grande maioria dos jovens concorda que a série contribui para a adoção destes comportamentos por abordarem tópicos associados à proteção, entre os quais o aborto realizado em segurança, a adesão ao uso do preservativo, e a gravidez na adolescência, como incentivo ao uso de métodos contraceptivos (J5: “Por exemplo... o caso da Maeve, quando ela engravida, *hum*... incentiva mais ao uso de preservativo, métodos contraceptivos”). Neste contexto, foi referenciada também uma cena na qual um rapaz é alérgico ao preservativo, como exemplo de incentivo a adotar comportamentos seguros, como a consulta médica. Alguns jovens destacaram ainda a personagem que é sexóloga como um contributo importante para a vivência da sexualidade de forma mais segura pela pertinência da informação que disponibiliza (J5: “A mãe do Otis (...) como ela é terapeuta sexual também há (...) aspetos que ela fala na série que podem ser utilizados para a vida real”). Por fim, embora em menor número, alguns entrevistados justificaram não achar que a série contribua para a aquisição de comportamentos de proteção, porque não é uma aula de ES e porque a visualização não garante uma mudança de comportamento. Para as profissionais, foi unânime que os jovens podem adquirir comportamentos de proteção, através do conteúdo multimédia em estudo, por serem abordados temas relacionados com o cuidado e com a segurança como, por exemplo, os métodos contraceptivos e os comportamentos de risco (PROF: “Ensina (...) a ter cuidado com (...) os perigos que existem”). No entanto, para a enfermeira, apesar de esta ser uma série que promove a saúde e aborda formas positivas de vivermos a sexualidade, a prevenção do risco podia ser abordada de forma mais clara (ENFER: “Podia-se mostrar aos jovens como é que se responde e como é que se comporta perante uma situação de pressão porque o uso do preservativo ainda é um problema por causa da pressão do par que não quer usar”).

### Sex Education como um Recurso de ES com Jovens

**Utilidade da série.** Segundo os participantes, a mais-valia desta série enquanto recurso para a ES prendia-se com a naturalidade em abordar a sexualidade “de uma forma descontraída [e com uma] linguagem super acessível” (PSIC), apresentando-a numa perspetiva educativa e positiva (PSIC: “a *Sex Education* (...) não retrata e retrata muito pouco *hum* os malefícios ou as coisas prejudiciais, aliás, tenta-lhe dar uma volta muito bem-feita *hum* e... e não reprime os jovens”). Foi destacado, também, o valor de veicular informação diversificada, fidedigna e realista (J9: “Representa imensas coisas, algo que nunca, eu nunca vi representado noutro lugar e, por isso, uma pessoa quando está a ver algo que nunca viu está a aprender bastante, obviamente, e a abrir mais a mente”). Supre, assim, lacunas identificadas nos conteúdos abordados na ES na escola (J2: “A mim ensinou-me bastantes coisas que na escola não ensinam e acho que era super importante ensinarem”). A este respeito, a psicóloga mencionou que a série permite a seleção de excertos de acordo com diversas temáticas mais específicas, nomeadamente os temas associados à comunidade LGBTIQ+ (ie., pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, transgénero, intersexuais ou *queer*). Realçaram-na, ainda, como “uma maneira divertida de aprenderem e lúdica” (J7), porque “acabam por [se] identificar e é muito mais fácil aprender assim” (J4) e porque “ao ser uma série acaba por ser mais interessante do que ir ao *Google* e pesquisar” (J5). No entanto, alguns jovens chamam a atenção para a faixa etária do público de intervenção, considerando ser necessária alguma maturidade para compreender a série (J6: “É preciso ter uma certa maturidade para ver esta série”), e ser igualmente necessário o acompanhamento de um profissional, para fazer uma integração dos assuntos abordados pela produção.

**Propostas para a utilização da série.** As profissionais revelaram que recomendavam aos jovens a visualização da *Sex Education*, por esta auxiliar na resolução de problemas (ENFER: “Porque é uma forma de eles obterem (...) soluções, de eles se aperceberem de mecanismo de *coping*...”). A psicóloga, em particular, referiu já ter recorrido a excertos da série para explorar temas na intervenção com jovens (“eu utilizo muito o vídeo da assexualidade”; “utilizamos algumas imagens da série ou alguns cliques”) ao contrário da enfermeira e da professora. No entanto, todas as profissionais, assim como os jovens

exploraram sugestões para que a *Sex Education* se constituísse um recurso de ES a ser utilizado por professores, animadores socioculturais, médicos, nomeadamente médicos de família e ginecologistas, enfermeiros, psicólogos, terapeutas sexuais, assistentes sociais ou agentes da polícia. Assim, as sugestões de utilização deste recurso remeteram quer para a ES informal, quer para a ES formal, em particular no contexto da escola e dos cuidados de saúde primários. Independentemente do profissional e do contexto, foi unânime a sugestão de recorrer à série, através da seleção de episódios ou excertos, como um estímulo tanto para introduzir e aprofundar temas, fomentando a partilha de experiências e dúvidas, como também para corroborar a informação fornecida previamente pelos profissionais (J1: “Ah, pegar numa série que os jovens adoram, porque os jovens adoram ver séries e, se calhar, usar uma coisa que eles gostem para explicar algo muito mais a fundo”; J6: “Como um exemplo que corrobore determinados argumentos, por exemplo”). Foi sugerido que a série fosse utilizada por profissionais de saúde no contexto de intervenção individual e de grupo. No âmbito da intervenção individual, a psicóloga destacou o seu potencial para “empatizar com o cliente e [...] a pessoa trazer dúvidas, questões e trabalhar sobre elas”. No contexto de grupo, a enfermeira referiu que faria “grande insistência para verem a série e para a irmos discutindo”, propondo a visualização da série como atividade extra à sessão e a sua discussão na sessão, funcionando, assim, como estímulo para a exploração das temáticas associadas à saúde sexual. Relativamente à utilização da série no meio escolar, a enfermeira explicou que teria de ser feito, primeiramente, um trabalho com os pais/família devido ao conflito intergeracional e ao facto de os encarregados de educação serem responsáveis pela educação dos seus educandos (ENFER: “Os pais ainda são responsáveis pela educação dos menores e essa é uma barreira que temos de desconstruir primeiro (...) para a seguir podermos disponibilizar isto para os estudantes”). No mesmo seguimento, a professora sugeriu que em reuniões de pais/encarregados de educação se mostrasse aos mesmos a importância da ES através de excertos, que seriam utilizados também na intervenção com os jovens, recomendando a visualização da série às famílias. Tanto profissionais, como jovens propuseram que a *Sex Education* poderia assumir um carácter transversal e de visualização obrigatória. Contudo, defenderam que a sua introdução deveria ocorrer apenas a partir do 3.º ciclo e ensino secundário (12-18 anos), com uma seleção das temáticas abordadas, de forma a garantir a adequação dos conteúdos à idade e ao desenvolvimento dos jovens. A docente também se referiu ao uso de excertos para esclarecer dúvidas dos alunos. Já a psicóloga apresentou algumas propostas mais específicas para a abordagem em algumas disciplinas, nomeadamente na disciplina de Inglês com o objetivo de clarificar o uso de pronomes e na de Filosofia para a elaboração de um ensaio sobre a produção. A este propósito foi ressaltado o potencial da série para aumentar as competências dos docentes para a ES, por terem considerado “que o trabalho deles [professores] ia ser muito mais fácil e, como não eram eles a introduzir o tema, eles mostravam o tal vídeo da série, se calhar, sentiam-se mais confortáveis a explicar o resto” (J2). Ainda no contexto da ES na escola, foi sugerida a realização de debates em torno da série, enquanto estímulo para uma intervenção dinamizada por pares (J6: “Intervenções entre a turma, onde aqueles que sabiam sobre informação podiam educar uns aos outros”). Foram também propostas outras estratégias, como a dinamização de uma peça de teatro, e a realização de ações de sensibilização no âmbito da saúde escolar.

## DISCUSSÃO

A ES escolar, no contexto internacional como no português, tem-se focado excessivamente na vertente biológica da sexualidade e na prevenção de riscos, não tendo em consideração as necessidades desenvolvimentais e os interesses dos jovens (Ketting & Ivanova, 2018; Rocha & Duarte, 2015). Paralelamente, no meio familiar, têm-se evidenciado dificuldades em abordar os temas da sexualidade (European Expert Group on Sexuality Education, 2016; UNESCO, 2020). Estas lacunas na ES, formal e informal, contribuem para a desinformação e a falta de conhecimento, assim como para o recurso às novas tecnologias para procurar responder às dúvidas e às necessidades dos jovens (Nikkelen et al., 2020). Tendo em conta este panorama, torna-se relevante explorar o impacto que os *media* têm nos jovens e de que forma estes meios podem colmatar as necessidades de conhecimento sobre sexualidade e constituir-se como potenciais aliados na ES. Assim, o presente estudo propôs-se a estudar as perspetivas de jovens e profissionais sobre o impacto da série *Sex Education* nos jovens e a explorá-la como um recurso pedagógico para a ES.

Os resultados mostram que a *Sex Education* é vista como uma série realista e educativa que naturaliza a sexualidade, sendo uma das grandes novidades para os mais novos a abertura com que aborda esta temática. Esta observação reforça a hipótese de que a nossa sociedade continua a manter um clima de desconforto quanto à sexualidade (UNESCO, 2020). De facto, no presente estudo, os jovens revelaram o seu incómodo em dialogar com adultos sobre sexualidade, incluindo os pais a quem reconhecem igualmente a dificuldade em comunicar com os filhos. Esta dificuldade de comunicação está relatada noutros estudos que revelam que os pais, por vezes, se sentem desconfortáveis em falar de temas relacionados com a

sexualidade (European Expert Group on Sexuality Education, 2016) e os jovens evitam esses diálogos com receio de serem julgados (Grossman et al., 2021). No entanto, esta série sublinha a importância de conversar sobre sexualidade, disponibiliza modelos de diálogo e pode constituir-se um estímulo para conversas entre os telespectadores jovens e os seus pais. Pois, na opinião da maioria dos entrevistados, a *Sex Education* representa de forma bastante positiva a interação entre pais e filhos quanto aos temas relacionados com a sexualidade. O embaraço ao nível da comunicação sobre sexualidade leva alguns jovens entrevistados a recorrerem maioritariamente aos *media* para responderem às suas dúvidas e necessidades, comprovando que estes meios são aliados da população juvenil quanto à exploração destes temas, conforme avançado por estudos prévios (e.g. Coyne et al., 2019; Smith et al., 2016).

Na presente investigação, os jovens revelaram que se questionaram sobre diversos assuntos durante a visualização de *Sex Education*. Este resultado parece evidenciar que os jovens são espetadores com capacidade crítica, que refletem e que se questionam sobre os conteúdos que lhes são apresentados. Portanto, indicia que os jovens participantes têm, pelo menos, algumas capacidades relacionadas com a literacia mediática (Scull et al., 2018). Evidencia também o potencial da série enquanto estímulo para o aprofundamento de conhecimentos válidos, formação de atitudes e valores quanto à sexualidade (Dudek et al., 2022; Santos et al. 2020). A este respeito, a grande maioria dos entrevistados acredita que a série é capaz de normalizar experiências e proporcionar aprendizagens relacionadas com a sexualidade e os relacionamentos, realçando ainda as profissionais a capacidade para promover competências e trabalhar estratégias de *coping* nestas áreas. A *Sex Education* é percebida como uma potencial fonte de dissipação de mitos e uma aliada na promoção da comunicação sexual, assim como na adoção de comportamentos de proteção. Assim, é reconhecido-se que a série tem potencial para contribuir para a persecução de alguns propósitos da ES, se tivermos em conta que esta visa fornecer informação sobre a sexualidade e o comportamento sexual, com o objetivo de promover atitudes, comportamentos e valores saudáveis e positivos. A ES pretende, portanto, que os jovens usufruam desta dimensão de forma plena, segura e responsável (Grupo de Trabalho de Educação Sexual [GTES], 2007; Matos et al., 2014; WHO, 2015).

O processo de identificação com as personagens e situações retratadas contribui para este propósito. Os participantes jovens referiram identificar-se com determinadas situações ilustradas na trama, o que não é surpreendente, uma vez os jovens terem descrito esta produção como realista. A identificação com personagens ou situações ilustradas na *Sex Education* poderá contribuir para o processo de construção da identidade, pois, segundo Erikson (1968), a identificação com os meios de comunicação social permite-nos experimentar a realidade social a partir de outras perspetivas, moldando a identidade e as atitudes sociais. Pérez-Torres (2024) acrescenta que o processo de identificação com personagens dos *media*, pelo contacto com modelos de referência, facilita a aprendizagem de comportamentos através da imitação, mas também da exploração e posterior compromisso com comportamentos, valores e atitudes com que se identificam. Neste sentido, a *Sex Education*, enquanto recurso audiovisual, que disponibiliza personagens fictícias com as quais os espectadores, jovens e adultos, podem estabelecer uma conexão socioemocional e identificar-se (Pérez-Torres, 2024), destaca-se por contemplar uma componente afetiva. Esta componente é crucial no processo de formação de atitudes e valores, ultrapassando a componente estritamente cognitiva inerente à transmissão de conhecimentos/informações adequados (Banaji & Heiphetz, 2010).

Os resultados do presente estudo confirmam, por conseguinte, o potencial da série *Sex Education* para intervir com jovens, conforme já revelado anteriormente (e.g., Santos & Almeida, 2022). Com efeito, segundo os participantes, a *Sex Education* é útil na intervenção com jovens acerca da sexualidade pelo facto de encarar a temática de uma perspetiva clara, naturalista e positiva. De facto, os jovens descreveram a série em análise como um recurso interessante e mais motivante para aprenderem e, segundo Igartua e Casanova (2014) assim como Tufte (2008), existe uma tendência crescente para se introduzirem conteúdos educativos em séries e outros formatos narrativos, progredindo no sentido de tornar os *media* instrumentos educativos relevantes. Assim, os resultados do presente estudo vão ao encontro de outros que já vinham ressaltando o potencial da *Sex Education* como um ótimo meio para os jovens adquirirem conhecimentos e se desenvolverem ao nível da sexualidade (e.g., Dudek et al., 2022; Lopes et al., 2019; Santos et al., 2020).

De facto, os participantes deste estudo realçaram que a série poderia ser utilizada na ES formal e informal. Sugeriram o recurso à *Sex Education* em contexto escolar, nomeadamente em aulas ou atividades com os estudantes e em reuniões com os pais, através da apresentação do próprio conteúdo, da realização de debates ou de dinamizações. Já no contexto da promoção da saúde, sugeriram que os profissionais recomendassem a visualização da *Sex Education* em atendimento individual ou em intervenções em grupo, ou a utilizassem nas ações de sensibilização realizadas. No entanto, apesar das significativas potencialidades, os entrevistados reconhecem que o conteúdo multimédia não aborda de forma profunda alguns temas, deixando igualmente outros de parte, pelo que defendem ser necessário a intervenção de um



profissional, de modo a clarificar e complementar as informações transmitidas pela série, tal como sugerido noutros estudos em diferentes países.

## CONCLUSÃO

Os resultados encontrados na presente investigação estão de acordo com a função pedagógica da série evidenciada anteriormente noutros estudos, em diferentes países, como Brasil, Bélgica e Espanha (Bréda, 2020; Rodríguez et al., 2020; Santos et al., 2020; Silva et al., 2020). Assim, com os resultados do presente estudo, realizado em Portugal, é reforçada a pertinência da série, inclusive num contexto sociopolítico mais favorável à ES, assim como o amplo alcance e potencial da mesma na promoção da saúde sexual, na cultura ocidental.

Os resultados do presente estudo devem, contudo, ser interpretados com cautela dada a sua natureza exploratória, que limita a generalização das suas conclusões. Esta limitação foi agravada pela impossibilidade de realizar um maior número de entrevistas, tanto com profissionais como com jovens, dada a dificuldade na seleção de participantes. Outra limitação prendeu-se com o facto de a *Sex Education* ter, no momento da recolha, três temporadas e a sua estreia ter ocorrido em 2019, pelo que alguns participantes revelaram alguma dificuldade em recordar-se de todas as temporadas, tendo inclusive feito referência a cenas de outras séries que acreditavam ser da produção em estudo. Por último, uma vez que as entrevistas com os jovens ocorreram via Zoom surgiram ocasionalmente constrangimentos na perceção das falas aquando da sua transcrição.

Assim, no que toca a investigação futura, sugerimos igualmente a replicação deste estudo com a alteração do procedimento de recolha de dados para entrevistas em grupo. As entrevistas em grupo permitirão ter acesso, num único momento e local, à partilha de informações entre os participantes, promovendo o debate acerca das suas diferentes perspetivas sobre os temas em estudo. Seria também interessante o estudo das representações de pais sobre a série *Sex Education*, assim como da sua perceção acerca do impacto desta nos jovens. Também seria pertinente a construção, implementação e avaliação de um programa de ES, com base na série, enquanto recurso pedagógico, onde os episódios ou excertos da série pudessem ser utilizados como estímulo.

Apesar das limitações apresentadas, cremos que este estudo confirma o potencial da série *Sex Education*, assim como o seu contributo para a prática da ES, principalmente no contexto português (em particular no da Ilha da Madeira) onde, contrariamente ao contexto brasileiro, nenhum estudo se tinha debruçado ainda sobre o impacto desta série e, simultaneamente, há a necessidade de utilizar recursos pedagógicos na ES que vão ao encontro das necessidades e preferências dos jovens. Ademais, este estudo apresenta sugestões para eventuais futuras temporadas deste conteúdo multimédia e explora-o como um recurso pedagógico na ES.

## REFERÊNCIAS

- Banaji, M. R., & Heiphetz, L. (2010). Attitudes. In S. T. Fiske, D. T. Gilbert, & G. Lindzey (Eds.), *Handbook of social psychology* (5th ed., pp. 353–393). John Wiley & Sons, Inc.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bréda, M. (2020). *Séries télévisées et sexualité: les séries, un outil pédagogique à l'éducation à la vie relationnelle, affective et sexuelle. Analyse de la série Sex Education et du Petit Manuel Sex Education* [Dissertação de Mestrado, Université Catholique de Louvain]. DIAL.mem : UCLouvain Electronic Master theses. <https://dial.uclouvain.be/memoire/ucl/object/thesis:25926>
- Coyne, S. M., Ward, L. M., Kroff, S. L., Davis, E. J., Holmgren, H. G., Jensen, A. C., Erickson, S. E., & Essig, L. W. (2019). Contributions of mainstream sexual media exposure to sexual attitudes, perceived peer norms, and sexual behavior: A meta-analysis. *Journal of Adolescent Health, 64*(4), 430-436. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.11.016>
- Dias, S., & Matos, M. G. (2013). Educação sexual em meio escolar: percepção dos alunos. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 4*(2), 51-71. <https://doi.org/10.34628/sp4s-0f47>
- Drury, K. M., & Bukowski, W. M. (2013). Sexual development. In D. S. Bromberg & W. T. O'Donohue (Eds.), *Handbook of child and adolescent sexuality: Developmental and forensic psychology* (pp. 115–144). Elsevier Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-387759-8.00005-2>
- Dudek, D., Woodley, G., & Green, L. (2022). 'Own your narrative': teenagers as producers and consumers of porn in Netflix's *Sex Education*. *Information, Communication & Society, 25*(4), 502-515. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2021.1988130>
- Erikson, E. (1968). *Identity youth and crisis*. Norton.
- European Expert Group on Sexuality Education. (2016). Sexuality education - what is it? *Sex Education, 16*(4), 427-431. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1100599>

- Flores, D., & Barroso, J. (2017). 21st Century parent-child sex communication in the United States: A process review. *The Journal of Sex Research*, 54(4-5), 532-548. <https://doi.org/10.1080/00224499.2016.1267693>
- Grossman, J. M., Lynch, A. D., DeSouza, L. M., & Richer, A. M. (2021). Resources for teens' health: Talk with parents and extended family about se.g., *Journal of Child and Family Studies*, 30(2), 338-349. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01896-x>
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual. (2007). *Relatório final*. [http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/relatorio\\_final\\_gtes.pdf](http://www.apf.pt/sites/default/files/media/2015/relatorio_final_gtes.pdf)
- Igartua, J. J., & Casanova, J. V. (2014). Ficción televisiva, edu-entretenimiento y comunicación para la salud. *Revista de Estudios de Juventud*, 106, 15-29. <https://www.injuve.es/sites/default/files/2014/47/publicaciones/1%20Ficci%C3%B3n%20televisiva%20y%20edu-entretenimiento.pdf>
- Jones, K., Williams, J., Sipsma, H., & Patil, C. (2019). Adolescent and emerging adults' evaluation of a Facebook site providing sexual health education. *Public Health Nursing*, 36(1), 11-17. <https://doi.org/10.1111/phn.12555>
- Ketting, E., & Ivanova, O. (2018). *Sexuality education in Europe and central Asia: State of the art and recent developments, an overview of 25 countries*. Federal Centre for Health Education. [https://oegf.at/wp-content/uploads/2021/09/BZgA\\_Comprehensive-Country-Report\\_online\\_EN.pdf](https://oegf.at/wp-content/uploads/2021/09/BZgA_Comprehensive-Country-Report_online_EN.pdf)
- Landry, M., Turner, M., Vyas, A., & Wood, S. (2017). Social media and sexual behavior among adolescents: Is there a link? *JMIR Public Health and Surveillance*, 3(2), e28. <https://doi.org/10.2196/publichealth.7149>
- Lei nº 60/2009 da Assembleia da República. (2009). Diário da República: I Série, nº 151. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/60-2009-494016>
- Lopes, D. S., Franco, L. S., & Alves, L. R. (2019, agosto 26-27). *Descomplicando o Vocabulário: Contribuições para o diálogo entre educação e saúde a partir da série Sex Education*. [Paper presentation]. STAES'19 Seminário de Tecnologias Aplicadas em Educação e Saúde, Salvador, Brasil. <https://www.revistas.uneb.br/index.php/staes/article/view/8211/5283>
- Matos, M. G., Reis, M., Ramiro, L., Ribeiro, J. P., & Leal, I. (2014). Educação sexual em Portugal: Legislação e avaliação da implementação nas escolas. *Psicologia, Saúde e doenças*, 15(2), 335-355. <http://dx.doi.org/10.15309/14psd150203>
- Nikkelen, S. W., Oosten, J. M., & Borne, M. M. (2020). Sexuality education in the digital era: Intrinsic and extrinsic predictors of online sexual information seeking among youth. *The Journal of Sex Research*, 57(2), 189-199. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1612830>
- Pérez-Torres, V. (2024). Social media: a digital social mirror for identity development during adolescence. *Current Psychology*, 43. <https://doi.org/10.1007/s12144-024-05980-z>
- Portaria nº 196-A/2010 do Ministérios da Saúde e da Educação. (2010). Diário da República: I Série, nº 69. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/196-a-2010-388625>
- Prinstein, M. J., Nesi, J., & Telzer, E. H. (2020). Commentary: An updated agenda for the study of digital media use and adolescent development - future directions following Odgers & Jensen (2020). *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 61(3), 349-352. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13219>
- Rocha, A. C., & Duarte, C. (2011). Conversas em família sobre sexualidade adolescente. In P. M. Matos, C. Duarte, & M. E. Costa (Eds.), *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* (pp. 59-80). LivPsic.
- Rocha, A. C., & Duarte, C. (2015). Sexuality education in a representative sample of Portuguese schools: Examining the impact of legislation. *The European Journal of Contraception & Reproductive Health Care*, 20(1), 47-56. <https://doi.org/10.3109/13625187.2014.951996>
- Rocha, A. C., Leal, C., & Duarte, C. (2016). School-based sexuality education in Portugal: Strengths and weaknesses. *Sex Education*, 16(2), 172-183. <https://doi.org/10.1080/14681811.2015.1087839>
- Rodríguez, L. V., García-Ramos, F. J., & Hernández, F. Z. (2020). La representación de identidades queer adolescentes en "Sex Education" (Netflix, 2019-). *Fonseca, Journal of Communication*, 22(21), 43-64. <https://doi.org/10.14201/fjc2020214364>
- Rosa, C. E., Zanette, J. E., & Felipe, J. (2021). Da série "Sex Education" aos desafios contemporâneos de uma educação para a sexualidade. *Textura*, 23(53), 238-259. <https://doi.org/10.29327/227811.23.53-12>
- Sánchez, F. L. (2005). *La educación sexual*. Biblioteca Nueva.
- Santos, L. G., Santos, A. L., & Miranda, J. R. (2020, outubro 15-17). *Sex Education: Uma análise sobre a importância da mídia para a educação sexual* [Apresentação de trabalho]. Conedu: VII Congresso Nacional de Educação, Brasil. [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO\\_EV140\\_MD1\\_SA7\\_ID696\\_07072020162649.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA7_ID696_07072020162649.pdf)

- Santos, M. S., & Almeida, P. B. (2022). Educação sexual na aula de espanhol: Uma proposta de ensino através da primeira temporada da série *Sex Education*. *Revista Humanidades e Inovação*, 9(8), 10-20. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4008>
- Scull, T. M., Kupersmidt, J. B., Malik, C. V., & Morgan-Lopez, A. A. (2018). Using media literacy education for adolescent sexual health promotion in middle school: Randomized control trial of Media Aware. *Journal of Health Communication*, 23(12), 1051-1063. <https://doi.org/10.1080/10810730.2018.1548669>
- Silva, R. A., Henrique, J. S., & Silva, J. G. (2020, agosto 24-28). *O potencial formativo da série Sex Education na constituição do diálogo entre educação e mídias digitais* [Apresentação de trabalho]. Congresso Internacional de Educação e Tecnologias/Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância, Brasil. <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1393/1057>
- Simon, L., & Daneback, K. (2013). Adolescents' use of the internet for sex education: A thematic and critical review of the literature. *International Journal of Sexual Health*, 25(4), 305-319. <https://doi.org/10.1080/19317611.2013.823899>
- Smith, L. W., Liu, B., Degenhardt, L., Richters, J., Patton, G., Wand, H., Cross, D., Hocking, J. S., Skinner, S. R., Cooper, S., Lumby, C., Kaldor, J. M., & Guy, R. (2016). Is sexual content in new media linked to sexual risk behaviour in young people? A systematic review and meta-analysis. *Sexual Health*, 13(6), 501-515. <https://doi.org/10.1071/SH16037>
- Tufte, T. (2008). El edu-entretenimiento: buscando estrategias comunicacionales contra la violencia y los conflictos. *Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 31(1), 157-182. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=69830989008>
- UNESCO (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: Uma abordagem baseada em evidências* (2ª ed.). <https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/369308por.pdf>
- UNESCO (2020). *Evidências emergentes, lições e práticas da educação integral em sexualidade: Revisão global*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf00000378187>
- Vannucci, A., Simpson, E. G., Gagnon, S., & Ohannessian, C. M. (2020). Social media use and risky behaviors in adolescents: A meta-analysis. *Journal of Adolescence*, 79, 258-274. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2020.01.014>
- WHO (2015). *Sexual health, human rights and the law*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789241564984>
- WHO (2010). *Standards for sexuality education in Europe: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists*. <https://www.icmec.org/wp-content/uploads/2016/06/WHOStandards-for-Sexuality-Education-in-Europe.pdf>
- Zapiain, J. (2013). *Psicología de la sexualidad*. Alianza Editorial.

#### DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA CRediT

**Carla Jaques:** Concetualização; Análise formal; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Redação do rascunho original; Redação – revisão e edição. **Ana Cristina Rocha:** Concetualização; Análise formal; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Redação do rascunho original; Redação – revisão e edição. **Cidália Duarte:** Concetualização; Análise formal; Investigação; Metodologia; Validação; Visualização; Redação do rascunho original; Redação – revisão e edição.

#### Historial do artigo

Recebido	18/03/2024
Aceite	05/08/2025
Publicado online	-
Publicado	31/12/2025